

## As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica.<sup>1</sup>

Eliane Braga de Oliveira (UnB)  
Georgete Medleg Rodrigues (UnB)

**Resumo:** Resultados parciais de pesquisa descritiva e explicativa sobre as concepções de memória identificadas na literatura especializada em Ciência da Informação e seus reflexos na produção dos cientistas da informação no Brasil. Parte da hipótese que o tema memória desempenha papel periférico nas preocupações da área. Apresenta análise quantitativa dos dados obtidos a partir da identificação de documentos que abordam o tema memória, a saber: teses e dissertações produzidas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação do Brasil e artigos de periódicos da área vinculados a esses programas. Os resultados do pré-teste não evidenciam uma preocupação direta dos pesquisadores da área com a temática da memória, o que pode ser observado nos números pouco expressivos de teses, dissertações e artigos de periódicos identificados.

**Palavras-chave:** Memória. Memória Social. Ciência da Informação. Arquivística.

**Abstract:** It shows partial results of descriptive and explicative research about conceptions of memory identified in the literature specialized in Information Science and its consequences on the studies of the information scientists in Brazil. It is considered that the subject memory plays peripheral role in the concerns of the area. It presents a quantitative analysis of the data obtained from the documents identification that approaches the subject memory: dissertations and theses produced in brazilian programs of Information Science and articles of journals of the area entailed to these programs. The partial results do not evidence a direct concern from the researchers with the subject memory. It can be observed at the small numbers of dissertations, theses and periodic articles about memory.

**Keywords:** Memory. Social Memory. Information Science. Archival Science.

---

<sup>1</sup> Comunicação oral apresentada ao GT-01 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação.

Esta comunicação apresenta resultados parciais do projeto de tese de doutorado “As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil”, desenvolvido sob orientação da Professora Doutora Georgete Medleg Rodrigues, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, qualificado em março de 2008.

## Introdução

A Ciência da Informação (CI) é, reconhecidamente, uma área do conhecimento que tem a interdisciplinaridade como uma de suas características. Na sua dinâmica de desenvolvimento, ela estabelece relações com diversas outras áreas, tanto das chamadas ciências exatas quanto das humanas e sociais. Documentação, Biblioteconomia, Computação, Filosofia, Lingüística e Comunicação, dentre outras disciplinas, contribuem, em maior ou menor proporção, para a construção do conhecimento na Ciência da Informação, na medida em que seus conceitos e modelos metodológicos são utilizados em novas abordagens do objeto informação. (BORKO, 1968; LE COADIC, 1996; SARACEVIC, 1992; WERSIG, 1975)

De fundamental importância para as áreas que trabalham com os registros da informação, o tema memória, tal qual a informação, não é objeto exclusivo de uma área de estudo e vem sendo tratado por diversos domínios do conhecimento. (GONDAR e DODEBEI, 2005, p.7; SANTOS, 2003, p.12). Enquanto objeto de estudo, a memória pode ser abordada pela Neurociência, pela Filosofia, pela Psicologia, pela Educação ou pela História, dentre outras possibilidades, conforme o aspecto que se quer estudar.

Classificadas como subáreas da Ciência da Informação pelas agências de fomento brasileiras, a Arquivística e a Biblioteconomia contemplam a questão da memória em sua literatura, estabelecem diretrizes e parâmetros para a execução das práticas profissionais a ela referentes e reconhecem a função social que seus profissionais desempenham na sua preservação e divulgação.

No âmbito da Ciência da Informação, Pinheiro (2005) identifica o tema memória na base do próprio surgimento da CI:

A Ciência da Informação tem dupla raiz: de um lado a Bibliografia/Documentação e, de outro, a recuperação da informação. Na primeira o foco é o registro do conhecimento científico, a **memória intelectual da civilização** e, no segundo, as aplicações tecnológicas em sistemas de informação, proporcionadas pelo computador. (Pinheiro, 2005 p.16, grifo nosso)

Sua característica interdisciplinar, no entanto, constitui-se em aspecto relevante, tendo em vista as possibilidades de uso do conceito de memória, não apenas no que se refere à preservação da “memória intelectual da civilização”, como ressalta Pinheiro, mas também na recuperação da informação, seja ela técnico/científica ou administrativa. Outro fator a considerar é que o acesso aos registros documentais nos “lugares de memória” (Nora, 1984) é essencialmente mediado por suas representações, o que nos remete aos fundamentos teóricos que embasam a construção dessas representações, tendo em vista sua vinculação com aspectos relacionados à memória.

É possível, portanto, pressupor que na CI são utilizadas diferentes concepções de memória, conforme o contexto no qual ocorrem os processos informacionais, os problemas que pretende resolver, ou a abordagem que se pretende utilizar para solucioná-los.

A Arquivística, uma das áreas do conhecimento com as quais a CI estabelece interface, apresenta uma especificidade com relação à concepção de memória: a necessidade de permanência do registro da informação, garantidas sua autenticidade e fidedignidade, como recurso passível de utilização na (re)construção da memória social e como prova. Portanto, a concepção de memória utilizada nos estudos da área deve contemplar, também, esse aspecto.

No entanto, o uso crescente de tecnologias de informação nos arquivos tem resultado na formação de acervos digitais que exigem soluções específicas no que diz respeito a sua preservação, em virtude da fragilidade dos suportes utilizados para sua produção, e no que diz

respeito ao acesso à informação, tendo em vista a rapidez com que as tecnologias se tornam obsoletas.

Em publicação da UNESCO que aborda o tema memória na sociedade da informação, Rodes adverte que a conservação do patrimônio informático da humanidade é uma nova tarefa que compete aos estados e aos atores dessa sociedade.

[...] Ele resulta de uma atividade contínua que exige engajamento e participação não somente das instituições que se ocupam do patrimônio, mas igualmente dos poderes públicos, dos produtores e usuários da informação e das organizações e associações profissionais. (RODES et al., 2003, p.103, tradução nossa)

Rodes aborda, também, problemas que afetam diretamente esse patrimônio tais como a desmaterialização da informação, sua desterritorialização, potencializada pelo uso generalizado das redes, as mudanças nas formas de armazenagem e de apropriação decorrentes do uso das tecnologias de informação e comunicação.

Diante desse contexto que afeta diretamente as áreas de conhecimento que trabalham com informação, esta pesquisa busca compreender as concepções de memória que permeiam o conhecimento produzido pela Ciência da Informação, por entender que a área tem um papel a desempenhar nas questões que envolvem essa temática.

### **Os estudos sobre memória**

Memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes registros (sonoros, imagéticos, textuais, etc.), graças a um conjunto de funções psíquicas.

Desde o tempo em que a memória era considerada um dom divino, na Grécia Arcaica, passando pelo processo de laicização, a partir do qual foram desenvolvidas as técnicas mnemônicas, pela retórica, pela ética, até o período no qual passou a ser estudada na perspectiva científica, muitos foram os pensadores e cientistas que contribuíram para melhor compreensão de seu conceito e dos fenômenos a ela relacionados.

Por muito tempo, durante a Antiguidade, a memória foi considerada algo sublime, religioso, que elevava os mortais ao mundo das divindades. Os gregos da época arcaica consideravam a memória uma entidade divina: a deusa Mnemosine, que conferia seu dom a determinados homens, como os poetas, por exemplo. A memória tinha, portanto, um sentido místico, supra-individual (BARRENECHEA, 2005, p.56), já que as divindades se expressavam através de seus intérpretes: os homens que lembravam.

Na trajetória de suas práticas e conceitos, a memória passa por um processo de laicização e desempenha um papel de fundamental importância no desenvolvimento das idéias na Europa, conforme mostra Frances Yates em sua obra *The Art of Memory* (1966).

Observa Le Goff (2003, p.435) que a laicização da memória, combinada com a invenção da escrita, permitiu à Grécia o desenvolvimento da mnemotecnica. As técnicas mnemônicas propõem um conjunto de regras que permite a reprodução de discursos através da construção de lugares e imagens na memória, aos quais são associadas palavras e idéias que precisam ser lembradas. Ao utilizar as técnicas mnemônicas, os oradores da Antiguidade proferiam seus discursos percorrendo um lugar imaginário, onde estavam depositadas as imagens construídas.

Aristóteles entendia a memória como um estado induzido por uma imagem mental e a incluiu na sua teoria do conhecimento como uma das funções cognitivas ou intelectivas. A parte da alma responsável pela produção de imagens, seria também a responsável pela memória (ARISTÓTELES, tradução de HETT, 2000, p.291). Atualmente, a associação de conceitos a imagens é considerada de fundamental importância para o funcionamento da memória.

A contribuição de Henri Bergson, considerado um dos filósofos mais importantes do século XX, foi um marco para os estudos da memória, ao abordá-la como algo que estava

além da atividade física. Em sua obra *Matéria e Memória*<sup>1</sup>, de 1896, Bergson procura superar uma visão dualista que contrapunha espírito e matéria, ao estabelecer uma relação entre ambos a partir da memória.

O autor distingue dois tipos de memória: a memória hábito e a memória pura. A primeira, fixada no organismo, é a memória que adquirimos automaticamente através da repetição contínua de alguma coisa, seria “antes hábito que memória” (BERGSON, 1999, p.176); a segunda seria a memória propriamente dita que independe da repetição para gravarmos, pois se refere ao ato de recordar imagens do passado.

Apesar de distinguir claramente a memória hábito da memória pura, longe de estabelecer uma relação de exclusão entre ambas, Bergson as vincula ao estabelecer uma relação de apoio mútuo entre elas.

[...] A memória do corpo, constituída pelo conjunto dos sistemas sensório-motores que o hábito organizou, é portanto uma memória quase instantânea para a qual a verdadeira memória do passado serve de base. [...] Para que uma lembrança apareça na consciência é efetivamente preciso que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso em que se realiza a ação. (BERGSON, 2006, p.92)

Ao apresentar uma visão psicológica da memória, Bergson limita sua análise ao aspecto individual da memória, o que não diminui a importância de seu trabalho filosófico para o entendimento do tema. Sua análise sobre a materialidade pode ser associada aos documentos de arquivo que, efetivamente, materializam as ações dos indivíduos ou das organizações no desempenho de suas atividades.

No entanto, além de fenômeno individual e psicológico, a memória pode ser, também, analisada enquanto fenômeno social, produto das relações sociais estabelecidas pelos homens, o que transcende o aspecto individual da memória. Este passou a ser objeto de análise, especialmente da Sociologia e da Psicologia no início do século XX, conforme indica Santos (2003):

Dois intelectuais, o sociólogo Maurice Halbwachs e o psicólogo Frederic Charles Bartlett, estabeleceram, nas primeiras décadas do século XX, as bases teóricas que nos permitem rejeitar com maestria a separação rígida entre memória e sociedade e definir a memória como sendo uma construção social. A contribuição desses autores (...) foi mostrar que a memória fazia parte de um processo social, em que indivíduos não são vistos como seres humanos isolados, mas interagindo uns com os outros, ao longo de suas vidas e a partir de estruturas sociais determinadas. (SANTOS, 2003, p.33)

Gondar observa que “a memória social, como objeto de pesquisa passível de ser conceituado, não pertence a nenhuma disciplina tradicionalmente existente e nenhuma delas goza do privilégio de produzir o seu conceito” (GONDAR, 2005, p.15). É um termo em construção, polissêmico e transversal. A autora alerta também que, ainda que existam conceitos de memória em diversos campos do saber, a idéia de memória social implica no surgimento de questões nas diferentes disciplinas que, ao atravessar suas fronteiras, fazem emergir um novo campo de problemas não contemplado por nenhuma delas.

Barrenechea (2005, p.60) localiza o início dos estudos do aspecto social da memória a partir do século XIX, ressaltando a importância do pensamento de Nietzsche para os estudos da memória, expresso, especialmente, em sua obra *Genealogia da moral*. Nietzsche, afastando-se das concepções da metafísica e das religiões, entende a memória como algo criado, gerado e imposto socialmente. A memória surge quando são deturpadas as condições de espontaneidade do homem primitivo. Em sua origem, o homem é um bicho que esquece permanentemente. Apenas o instinto era necessário para a satisfação de suas necessidades. A inexistência da consciência e da memória possibilitava ao homem estar em contato permanente com as forças da natureza e digerir completamente suas experiências, da mesma forma que digeriria fisicamente os nutrientes. A memória teria surgido a partir da necessidade de fazer frente a grandes ameaças para a sobrevivência dos grupos, ou seja, ela surge a partir de

determinadas condições sociais, razão pela qual não existe individualmente (BARRENECHEA, 2005, p. 61-62).

Entre os estudiosos do tema, no entanto, existe um relativo consenso, em identificar o trabalho de Maurice Halbwachs como marco inaugural de um novo campo discursivo. Aluno de Bergson durante alguns anos, Halbwachs distancia-se do antigo mestre ao desenvolver estudos nos quais considerou a memória como fenômeno social, cabendo a ele a criação do termo memória coletiva. Apesar de reconhecer a existência de uma memória dita individual, Halbwachs (2004), sustentava que a memória deve ser entendida, sobretudo, como um fenômeno coletivo ou social uma vez que a memória individual contém também aspectos da memória do grupo social ao qual o indivíduo pertence, e está em constante interação com a sociedade:

[...] podemos perfeitamente dizer que o indivíduo recorda quando assume o ponto de vista do grupo e que a memória do grupo se manifesta e se realiza nas memórias individuais. (HALBWACHS, 2004a, p.11, tradução nossa).

Pertencente à segunda geração da chamada Escola Sociológica Francesa, Halbwachs inaugura uma corrente de pensamento que identifica na memória a função de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela “adesão afetiva”, ao proporcionar ao indivíduo o sentimento de pertencimento a um determinado grupo que compartilha memórias, “comunidade afetiva” (HALBWACHS, 2004b, p.38, tradução nossa). Essa coesão é obtida através do que ele denominou de “quadros sociais da memória”, mecanismo estruturante através do qual os valores são compartilhados pelos diversos grupos sociais. Recordar, para o indivíduo, é, portanto, reconstruir o passado a partir dos quadros sociais presentes em seu grupo. Família, religião e classe social são elementos analisados por Halbwachs nas construções e no compartilhamento dos quadros sociais.

Os quadros sociais não são estruturas estanques e se modificam na dinâmica das interações sociais realizadas pelos indivíduos. Halbwachs identifica duas causas para a modificação dos quadros sociais: a transformação da densidade das relações sociais e o nascimento de uma hierarquia de papéis dos indivíduos no grupo, resultante do fato de que cada indivíduo participa de diversos grupos.

O desenvolvimento social, no entanto, traz alguns complicadores para a memória coletiva. Nas sociedades tradicionais, a memória estava incorporada ao cotidiano através da tradição e dos costumes. No mundo moderno, ela precisa ser incorporada a lugares socialmente instituídos para ser produzida e reproduzida. Nesse sentido, Pierre Nora (1993, p.13) apresenta o conceito de “lugares da memória” como uma estratégia inventada, pelas sociedades contemporâneas, para o problema da perda de identidade dos grupos sociais e da ausência de rituais mnemônicos. Além dos arquivos, bibliotecas e museus também são lugares da memória socialmente instituídos e legitimados para a preservação dos materiais da memória nacional, “chaves” da memória coletiva dos povos.

### **A memória e a Arquivística**

Na Arquivística, a associação entre memória e arquivos é freqüente. Os documentos de arquivo, além de se constituírem em elemento vital no processo de tomada de decisão nas organizações, desempenham um significativo papel na preservação da memória social e na construção da identidade de um povo. Essa visão, recorrente na produção intelectual dos arquivistas, coaduna-se com a idéia de coesão social decorrente do compartilhamento de uma memória coletiva apresentada por Halbwachs.

A relação entre arquivo e memória remonta à Idade Média e foi reforçada no decorrer do tempo, especialmente quando a Arquivística aparece como ciência auxiliar da História.

Observa Lodolini (1993, pp.21-23), que, na história da humanidade, o registro e a transmissão da memória foram inicialmente feitos de forma oral, somente num segundo mo-

mento predominou a forma escrita. A primeira representação gráfica dos acontecimentos a serem recordados foi feita através de desenhos em rochas e cavernas e, posteriormente, através de símbolos gráficos correspondentes a sílabas ou a letras.

Com a transformação do signo gráfico de imagem estilizada do objeto representado em um mero símbolo convencional, teve início a grande produção de documentos, escritos sobre as mais diversas matérias: folhas, madeira, metais, argila, pele, papiro, pergaminho, papel. (LODOLINI, 1993, p.23, tradução nossa)

Discorrendo sobre a passagem da memória oral para a memória escrita, Le Goff ressalta a instituição do *mnemon*, pessoa que guardava a lembrança do passado em vista de uma decisão de justiça. O aparecimento desse agente social da memória vincula-se ao processo de urbanização das sociedades.

Os mnemones são utilizados pelas cidades como magistrados encarregados de conservar na memória o que é útil em matéria religiosa e jurídica. Com o desenvolvimento da escrita, estas memórias vivas transformam-se em arquivistas. (LE GOFF, 2003, p.433)

Apesar da constante afirmação dos arquivos como componentes da memória de uma coletividade, a concepção de memória com a qual se trabalha não é explicitada com frequência no conhecimento arquivístico sistematizado. A questão da memória parece estar sempre subentendida, como se ela estivesse implícita na própria razão de ser dos arquivos e, por que não, dos próprios arquivistas.

No entanto, aspectos relativos à racionalidade administrativa e à inovação tecnológica também permeiam as considerações e os argumentos utilizados no processo de gestão da informação, que, em algumas situações, ocorre ao largo de qualquer reflexão sobre o problema da memória.

Muitas vezes se utiliza a substituição de suporte dos documentos, de meio analógico para meio digital, eliminando-se os originais, sem observar se o caráter probatório, testemunhal do documento de arquivo foi mantido ao digitalizá-lo. Por outro lado, o desenvolvimento tecnológico ainda não garante a permanência do material utilizado para registro de documentos eletrônicos ou digitalizados, por largos períodos de tempo.

Em suas reflexões sobre a preservação dos registros informacionais em um contexto social dominado pelas tecnologias da informação, Ribeiro (2005) ressalta a necessidade de vincular a preservação da memória à gestão da informação. Para a autora, o documento digital exige que a decisão sobre a conservação da memória seja tomada no ato de criação da informação, sob o risco de não ser possível mantê-la integralmente.

Este cenário, no qual se defrontam questões de ordem teórica, tecnológica e gerencial, parece apontar para a necessidade de explicitar definições ou concepções de memória que operem no sentido da preservação dos registros informacionais relevantes para a construção da memória social.

## **A memória e a Ciência da Informação**

Uma análise preliminar da literatura referente à Ciência da Informação (CI), não evidencia uma preocupação direta dos pesquisadores da área com a temática da memória. Na verdade, a recuperação da informação é a motivadora de parcela considerável dos estudos, o que é compreensível, considerando-se a relevância da *Information Retrieval* na própria criação da CI e no seu estabelecimento enquanto disciplina.

Apesar disso, as análises epistemológicas desenvolvidas por autores de reconhecida autoridade na Ciência da Informação, como, por exemplo, Saracevic, Capurro e Wersig abrem a possibilidade de inclusão de estudos sobre memória a partir de abordagens diferenciadas, embora implicitamente.

Saracevic (1996, p.47) entende a CI como um campo dedicado aos “problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual”.

Capurro (2005, p.3), em sua análise sobre os paradigmas epistemológicos da CI, identifica os paradigmas físico, cognitivo e social, a partir dos quais poderiam ser desenvolvidos estudos sobre o tema memória, sob diferentes perspectivas.

Wersig e Neveling (1975, p.3) defendem que a ciência não é algo justificável em si mesma, mas justifica-se por atender a uma demanda social. Em vista disso, devem ser estudados os processos históricos que levaram ao desenvolvimento da CI, por que ela apareceu e que exigências sociais ela deve atender. Para eles, o objetivo da CI é sua responsabilidade social na transferência do conhecimento para aqueles que necessitam (Wersig e Neveling 1975, p. 11).

Na tentativa de identificar estudos sobre o tema memória, foi realizada uma pesquisa em duas fontes de informação bastante representativas da Ciência da Informação: o Annual Review of Information Science and Technology (ARIST) e a Library and Information Science Abstracts (LISA).

O índice cumulativo de palavras-chave e de autores do Annual Review of Information Science and Technology (ARIST) não registra o descritor *memory*. Da mesma forma, uma pesquisa por assunto na base de dados dessa publicação, usando o mesmo descritor, não apresenta resultados. A situação se repete com o descritor *conservation*. A pesquisa com o descritor *preservation* registra, apenas, dois artigos.

A lista de cabeçalho de assunto (*Broad Subject Headings*), adotada pela Library and Information Science Abstracts – LISA, composta por 19 categorias temáticas, não explicita os termos *memory*, *conservation* ou *preservation*. No entanto, algumas categorias podem abrigar estudos relacionados a esses termos, como por exemplo: 13.0 Computerized Information Storage and Retrieval; 17.0 Knowledge and Learning e 18.0 Record Management.

No Brasil, vários trabalhos dedicados à construção de taxonomias para a área incluem classes ou categorias passíveis de abrigar estudos relacionados à memória.

Odonne e Gomes (2000), em artigo sobre o tema, apresentam um modelo que prevê 10 categorias gerais, entre elas a classe 06. Informação, cultura e sociedade, com a seguinte e-menta descritiva:

Textos que estudam a globalização, os impactos da informação sobre a sociedade; as unidades de informação enquanto espaços de comunicação e informação; a educação e a cultura; a informação e a construção da cidadania; o papel e a influência dos centros populares de documentação e comunicação, entre outros. (ODONNE E GOMES, 2000, p.13).

Considerando os registros informacionais como objetos de fundamental importância para a construção da memória social, essa classe sugere um espaço propício à realização de estudos afetos ao tema memória, ao abordar educação, cultura e cidadania.

Além disso, é possível estabelecer, através do mesmo instrumento taxonômico, outros recortes vinculados às categorias de recuperação e disseminação da informação, estudos de usuário e demanda e uso da informação.

Em estudo mais recente, Silva e demais autores (1998) explicitam a questão afirmando:

O tratamento da informação, no sentido técnico do termo, visa precisamente a criação de “memórias”, passíveis de serem utilizadas sempre que houver necessidade de recuperar dados (informação) nelas armazenados. Isto implica procedimentos de controle da informação, de criação de meios de acesso às referidas memórias e de desenvolvimento de dispositivos susceptíveis de accionar os meios de acesso, com vista á recuperação da informação armazenada. Tais procedimentos são naturalmente, objecto de trabalho dos profissionais que desempenham funções nos mais diversos sistemas de informação. (SILVA et al., 1998)

Apesar da pertinência da realização de pesquisas sobre memória na Ciência da Informação, é intrigante perceber como são raros os estudos que se propõem a discuti-la, seja em seu aspecto cognitivo, seja em seu aspecto social.

O tema aparece de forma mais significativa em textos que tratam de Gestão do Conhecimento, abordagem identificada com frequência na literatura da Ciência da Informação no Brasil. Nesses estudos, é explícita a preocupação com a memória organizacional.

Em artigo de 2006, Moresi, ressalta a variedade de concepções utilizadas nos estudos sobre o tema. Apesar disso, é possível observar a relação que é constantemente estabelecida entre memória organizacional, aprendizagem e conhecimento, visando a melhoria do desempenho da organização.

Stein (1995) entende a memória organizacional como uma instância da memória coletiva. Para ele, é da formulação de Halbwachs que decorre a noção de memória de um sistema social específico, ou seja, a memória de uma organização.

Seguindo a mesma linha de Stein, Walsh e Ungson (1997, p.181) entendem memória organizacional como toda informação armazenada relativa à história de uma organização e que pode ser utilizada no processo decisório presente.

Abecker (1997) e Ackerman (1994) apresentam abordagens similares entre si. Ambos entendem a memória organizacional como um mecanismo que possibilita o armazenamento contínuo e a manipulação do conhecimento organizacional. Este mecanismo, chamado por Ackerman de “Organizational Memory” (OM), agrega e provê acesso às diversas fontes de informação da organização, visando apoiar suas ações.

Para Heijst (1997, p.2), a memória corporativa deve necessariamente pressupor o armazenamento e a manutenção do conhecimento em uma organização. Apesar de reconhecer que parte da memória está na mente dos trabalhadores, no conhecimento tácito, o autor opta por uma abordagem mais restrita, uma vez que seu objetivo é modelar um sistema de memória organizacional.

Destaca-se nessas abordagens, o fato dos autores apresentarem a memória organizacional como um sistema a ser implantado nas organizações. O pressuposto é a existência de uma necessidade não atendida pelos demais sistemas. Por outro lado, propõem a elaboração de registros de memória específicos, sem explicitar como seria a apropriação do conhecimento, ou dos registros informacionais, anteriormente acumulado nas diversas unidades da organização.

A interlocução que a Ciência da Informação vem mantendo com a Gestão do Conhecimento sugere que as concepções de memória por ela utilizadas ou concebidas, uma vez apropriadas pela CI, poderão afetar diretamente as diretrizes e práticas do gerenciamento da informação. Como o ambiente organizacional é o foco central da Gestão do Conhecimento, pode-se supor que os arquivos das organizações estarão incluídos nesse processo.

No entanto, o escopo da Arquivística inclui arquivos gerados por indivíduos, por famílias e por todo o espectro de organizações da sociedade civil, o que parece transcender o atual foco da Gestão do Conhecimento.

Da mesma forma, a memória das organizações não deve ser o único foco de preocupação da CI, na medida em que a diversidade de ambientes nos quais ocorrem os fenômenos informacionais amplia seu escopo de atuação para além do ambiente organizacional.

### **A memória, a Arquivística e a Ciência da Informação**

Apesar das possibilidades de diálogo existentes entre a Ciência da Informação e a Arquivística, a interlocução entre elas é, ainda, bastante incipiente, o que pode ser percebido no conhecimento produzido por ambas as áreas.



Fonseca (2005) assinala essa omissão mútua, na medida em que, da mesma forma que boa parte dos autores da CI omite a Arquivística como disciplina afim, a Arquivística também tem dificuldades em perceber a possibilidade de estabelecer interfaces com a CI.

Apesar dessa dificuldade, no Brasil, os programas de pós-graduação em CI abrigam grande parte das teses e dissertações com temática arquivística. Isso leva à reflexão sobre como a temática da memória, que perpassa tantos trabalhos arquivísticos, seria tratada nas pesquisas desenvolvidas nesse “espaço de produção do conhecimento” (Fonseca, 2005, p.12) constituído pelos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação no Brasil.

O trabalho de pesquisa desenvolvido por Rodrigues e Marques (2005) confirma essa tendência, com dados que mostram que 57,5% das teses e dissertações com temática arquivística defendidas até 2004, foram desenvolvidas em programas de pós-graduação em CI (RODRIGUES e MARQUES, 2005, p.87).

À Arquivística, cabe a responsabilidade de preservar e dar acesso aos documentos de arquivo considerados de guarda permanente para além da existência de seus produtores, de forma a possibilitar a construção da memória social. Isso deve ser observado em todos os contextos nos quais ocorre a produção de registros arquivísticos, sejam eles organizacionais ou pessoais, e para qualquer suporte no qual a informação esteja registrada.

Essa questão reveste-se de especial importância se considerarmos a forma acrítica com que as novas tecnologias costumam ser absorvidas nas organizações. Da mesma forma, o discurso da sociedade da informação, da inteligência organizacional e da gestão do conhecimento, parece encontrar eco em alguns gestores, que, apesar disso, não percebem os arquivos como parte integrante dos sistemas de informações gerenciais, ou, quando percebem, desconhecem suas especificidades.

Neste trabalho adota-se o entendimento de que tanto a Arquivística quanto a Ciência da Informação, ressalvadas suas especificidades, trabalham com o objeto informação. No entanto, a CI trabalha com diferentes noções de informação, inclusive com noções nas quais a informação não pressupõe seu registro, ou seja, não está necessariamente associada a um suporte material. Soma-se a isso, o fato de que algumas análises sobre o objeto de estudo da Ciência da Informação limitam-se a considerar, como tal, a informação científica e tecnológica.

Esses aspectos e a pouca interlocução entre Arquivística e CI podem resultar na utilização de concepções de memória, no âmbito da gestão da informação, que não contemplem, por exemplo, a permanência dos registros informacionais no âmbito organizacional - documentos administrativos, ou que desconsiderem aqueles produzidos por pessoas físicas - indivíduos, famílias, também importantes para a construção da memória social.

Cabe, portanto, investigar como a temática vem sendo tratada no âmbito da CI, como os cientistas da informação no Brasil abordam o tema memória e se a construção da memória social é contemplada nessas abordagens.

## **A pesquisa**

Trata-se de pesquisa descritiva e explicativa sobre as concepções de memória na literatura especializada em Ciência da Informação no Brasil. Adota, como procedimento, a pesquisa documental e bibliográfica (GIL, 1999) e como método, a análise de conteúdo (BARDIN, 2004).

A primeira etapa da pesquisa consistiu numa “leitura flutuante”<sup>2</sup> da literatura da área, o que permitiu constatar a baixa ocorrência do tema no material lido.

A partir dessa constatação, formulou-se a hipótese de que o conceito de memória seria um conceito periférico na produção científica em CI e isso se refletiria na produção bibliográfico-científica da área no Brasil.

A pré-análise permitiu, também, delimitar o universo de documentos de análise a partir dos objetivos a serem atingidos. Pretende-se obter melhor compreensão do tratamento dado ao tema memória no âmbito da CI e seus reflexos no conhecimento produzido pelos cientistas da informação no Brasil, através dos elementos relacionados a seguir:

1. Obras fundamentais da Ciência da Informação.
2. Teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação existentes no Brasil.
3. Anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB).
4. Artigos dos periódicos ligados aos programas de pós-graduação em CI.

Para a definição das obras que serão consideradas como fundamentais da área, serão analisadas duas fontes: a publicação da International Federation for Documentation (FID) *Publications on theoretical foundations of information science* e o HisCite, software de análise bibliométrica.

Quanto às teses e dissertações, comunicações e artigos referentes ao tema, serão analisados apenas aqueles produzidos pelos profissionais ligados aos cursos de pós-graduação: professores, estudantes e egressos.

Os resultados serão analisados em função das seguintes variáveis:

1. Linhas de pesquisa dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação às quais os trabalhos estão vinculados.
2. Formação acadêmica inicial dos autores dos trabalhos referentes ao tema memória.

Com relação aos cursos de pós-graduação, cabe uma ressalva. Apesar da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) incluir os programas de pós-graduação em Memória Social da UNIRIO e em Comunicação e Informação da UFRGS em sua lista de programas de pós-graduação na área, nesta pesquisa adotou-se o entendimento da CAPES, que não inclui os programas citados. Além disso, observou-se que a inclusão do programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO provoca um viés significativo nos resultados da pesquisa.

O pré-teste foi realizado nos seguintes elementos do universo da pesquisa: teses e dissertações e artigos de periódicos brasileiros. A presença do tema memória foi considerada positiva na ocorrência dos seguintes descritores: mnemo, memo, memória, conservação e preservação. Os elementos pesquisados foram: título, resumo ou palavras-chave.

### **Teses e dissertações**

O levantamento de dados sobre as teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação, nesse primeiro momento, evidencia uma baixa preocupação com a temática da memória. As fontes de informação utilizadas foram as bases de teses e dissertações disponíveis nas páginas dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Apenas as informações referentes à Universidade Federal da Paraíba (UFPb) foram obtidas através de pesquisa *in loco*<sup>3</sup>. O total de trabalhos identificados representa apenas 1,9% do total, conforme se observa no quadro apresentado a seguir.

**Tabela 1: Teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciência da Informação no Brasil (1972-2005).**

<b>Instituição</b>	<b>Quantidade de Teses (T) e Dissertações (D)</b>	<b>Quantidade de T e D sobre memória</b>	<b>% sobre o total</b>
Instituto Brasileiro de Informação	417	07	1,7

em Ciência e Tecnologia (IBICT)/ /UFF e IBICT/UFRJ) <sup>4</sup>	(1972 a 2005)		
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	301 (1978 a 2005)	05	1,7
Universidade de Brasília (UnB)	206 (1980 a 2005)	03	1,4
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCamp)	44 (2003 a 2005)	00	00
Universidade Federal da Bahia (UFBa)	18 (2001 a 2005)	00	00
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	09 (2005)	00	00
Universidade Federal da Paraíba (UFPb)	69 (1981 a 1998)	00	00
Universidade Estadual Paulista (UNESP)	59 (2001 a 2005)	01	1,7
Universidade de São Paulo (USP)	164 (1983 a 2005)	09	3,5
<b>Total</b>	<b>1287</b>	<b>25</b>	<b>1,9</b>

**Fontes:** Elaboração própria a partir das bases disponíveis nas páginas dos programas na Internet e em visita à UFPb.

### Periódicos especializados em Ciência da Informação

Os periódicos incluídos nesta pesquisa são aqueles ligados aos programas de pós-graduação *stricto sensu* em CI, com exceção dos periódicos Ciência da Informação e Datagramazero. O periódico Ciência da Informação, apesar de não estar diretamente vinculado a um programa de pós, foi incluído por ser editado pelo IBICT, instituição que mantém, há décadas, um programa de pós-graduação. O periódico Datagramazero está vinculado à organização não-governamental Instituto de Adaptação e Inserção na Sociedade da Informação (IAS) e foi incluído tendo em vista sua identidade com o meio acadêmico (seu conselho editorial é formado majoritariamente por docentes dos cursos de pós-graduação em CI) e a significativa presença de professores vinculados aos programas na autoria de seus artigos. Esta característica foi observada a partir da identificação dos autores que mais publicam no Datagramazero, informação disponível na própria página do periódico na Internet, no link *autores e artigos* ([http://www.dgz.org.br/fev08/F\\_I\\_aut.htm](http://www.dgz.org.br/fev08/F_I_aut.htm)).

Foram detectados 59 artigos referentes ao tema memória nos nove periódicos analisados, o que reforça o quadro de baixa ocorrência identificado nas teses e dissertações.

### Quadro 1: Artigos sobre memória nos periódicos de Ciência da Informação

Periódico	Instituição	Artigos sobre memória
BJIS	UNESP/Marília	-
Ciência da Informação	IBICT	13
Datagramazero	IASI	11
Encontros Bibli	UFSC	08
Informação e Sociedade: estudos	UFPb	08
Informare	UFRJ/IBICT	06
Perspectivas em CI	UFMG	03
Pontodeacesso	UFBa	02
Transinformação	PUCCamp	08
<b>Total</b>		<b>59</b>

**Fontes:** elaboração própria, com base nas páginas dos periódicos na Internet, com exceção do periódico INFORMARE, cuja pesquisa foi feita nos números disponíveis na biblioteca da UnB.

Com relação aos dados apresentados, cabem as seguintes ressalvas:

. A pesquisa no periódico *Ciência da Informação* limitou-se aos números disponíveis na base de dados disponibilizada na página da revista na Internet (1995 a 2007).

. O periódico *Informare* também não foi pesquisado em sua totalidade. O resultado encontrado corresponde à pesquisa feita em seis números da revista. Cabe ressaltar que esse periódico foi o único que dedicou um número específico ao tema memória, sob o título *Informação, Memória e Sociedade* (n. 2, v. 4, jul-dez 1998).

Os resultados do pré-teste parecem confirmar a hipótese referente ao papel periférico ocupado pelo tema memória no conhecimento sistematizado pela *Ciência da Informação* no Brasil. Isso pode ser observado nos números pouco expressivos encontrados.

O próximo passo, para a continuidade da coleta de dados, será analisar a pertinência da inclusão de novos descritores, a partir da identificação das funções básicas da gestão da informação.

Será investigado, também, o provável impacto da transformação dos cursos de pós-graduação de Biblioteconomia e Documentação em cursos de *Ciência da Informação* na ocorrência do tema memória nas teses, dissertações e artigos de periódicos produzidos nestes cursos.

Posteriormente, os dados coletados serão analisados quanto aos aspectos quantitativo e qualitativo, por meio da análise de conteúdo.

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, foi utilizada a tradução de Paulo Neves: NEVES, Paulo. *Matéria e Memória*. 2. ed.: São Paulo, Martins Fontes, 1999. Publicação original: BERGSON, Henri. *Matière et Mémoire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1939.

<sup>2</sup> BARDIN (2004, p.89) define a leitura flutuante como uma atividade da etapa de pré-análise, por sua vez, fase inicial da análise de conteúdo.

<sup>3</sup> As informações referentes às dissertações da UFPb foram obtidas em pesquisa realizada no acervo da Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade.

<sup>4</sup> No caso do programa da UFF, a instituição base considerada foi o IBICT, origem do programa que já foi vinculado, também, à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

## Referências bibliográficas

- ABCKER, A. et al. *Towards a Well-Founded Technology For Organizational Memories*. Disponível em: <http://ksi.cpsc.ucalgary.ca/AIKM97/abecker/OM.html>. Acesso em jun. 2007.
- ACKERMAN, M. Augmenting Organizational Memory: a field study of answer garden. In *ACM Transactions on Information Systems*, vol. 16, n. 3, p. 203–224, jul.1998.
- ARISTÓTELES. *On the Soul. Parva Naturalia. On Breath*. Trad. W. S. Heet. 7. Ed. Londres: Harvard University Press, 2000.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Trad. Luis A. Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BARRENECHEA, Miguel Angel de. Nietzsche e a genealogia da memória social. In: GONDAR, Jô e DODEBEI, Vera (orgs.) *O que é memória social?* Rio de Ja-

- neiro: Contra Capa Livraria. Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005. p.55-71.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. Trad. Paulo Neves, 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
  - \_\_\_\_\_. *Memória e Vida*. Textos escolhidos por Gilles Deleuze. Trad. Cláudia Berliner, 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
  - BORKO, H. Information science: what is it? *American Documentation*, jan. 1968.
  - BUSH, Vannevar. As we may think. *Atlantic Monthly* 176, n°. 1: 101-108
  - COOK, Terry. *La evaluación archivística de los documentos que contienen Información personales: un estudio del RAMP con directrices*. Paris: UNESCO, 1991.
  - \_\_\_\_\_. What is Past is Prologue: A History of Archival Ideas Since 1898, and the Future Paradigm Shift Disponível em: <http://www.mybestdocs.com/cook-pastprologue-ar43fml.htm> Acesso em dez. 2007
  - \_\_\_\_\_. SCHWARTZ, Joan M. Arquivos, documentos e poder: a construção da memória moderna. In: *Registro*, Indaiatuba (SP), Ano III, nº3, jul. 2004. p.18-33
  - EASTWOOD, Terry. La valoración archivística en las sociedades democráticas. In: *Tabula: Revista de Archivos de Castilla y León*. Asociación de Archiveros de Castilla y León. Salamanca, n. 6, p. 75 - 86, 2003.
  - GONDAR, Jô. “Quatro proposições sobre memória social”. In: GONDAR, Jô e DODEBEI, Vera (orgs.) *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.
  - GONZALEZ DE GOMEZ, M. N. Metodologia da pesquisa no campo da Ciência da informação. In: *Datagramazero: revista da Ciência de Informação*, Rio de Janeiro, v.1, n.6, dez. 2000. Disponível: < [http://www.dgz.org.br/dez00/F\\_I\\_aut.htm](http://www.dgz.org.br/dez00/F_I_aut.htm) > Acesso: out./2005.
  - HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro Editora, 2004a.
  - HALBWACHS, Maurice. *Los marcos sociales de la memoria*. Trad. Manuel A. Baeza e Michel Mujica. Rubí (Barcelona): Antrophos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004b.
  - JENKINSON, Hilary. *A manual of archive administration*. London: Percy Lund, Humphries, 1965.
  - KETELAAR, Eric. Sharing: collected memories in communities of records In: *Archives and Manuscript*, 33, 2005, p. 44-61.
  - LE COADIC. *A Ciência da informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.
  - LE GOFF, J. *História e Memória*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
  - LODOLINI, Elio. *Archivística: princípios y problemas*. Madrid: La Muralla, 1993.
  - MORESI, Eduardo A. Memória organizacional e gestão do conhecimento. In: TARAPANOFF, Kira (Org.) *Inteligência, informação e conhecimento*. Brasília: IBICT, UNESCO, 2006.
  - NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Genealogia da moral (a). São Paulo: Moraes, 1985.
  - NORA, P. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Estudos Históricos*. São Paulo: PUC, 1984.
  - ODDONE, Nanci; GOMES, Maria Yêda Falcão Soares de Filgueiras. Uma nova taxonomia para a ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE

PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 5, 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2003. Em CD-rom

- PINHEIRO, Lena V. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. In: *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2005 p.13 a 47.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n.10, 1992.
- RIBEIRO, Fernanda. Gestão da informação / Preservação da memória na era pós-custodial: um equilíbrio precário? In *Conservar para que?* Oitava mesa-redonda de primavera. Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2005. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/site/default>.> Acesso em: 30 de out. de 2007.
- RODES, Jean-Michel; PIEJUT, Geneviève; PLAS, Emmanuèle. *La mémoire de la société de l'information*. Paris: UNESCO, 2003.
- ROUSSEAU, J., COUTURE, C. Os fundamentos da disciplina arquivística. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.
- RODRIGUES, Georgete M.; MARQUES, Angélica A. C. A inserção da Arquivística nos cursos de pós-graduação stricto sensu no Brasil. In: *Revista Brasileira de Pós- Graduação*, Brasília, v. 2, n. 3, p. 75-92, mar. 2005.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Memória Coletiva e Teoria Social. São Paulo: Annablume, 2003.
- SARACEVIC, T. *Information Science: origin, evolution and relations*. In: VAKKARI, Pertti; CRONIN, Blaise (Eds.). *Conceptions of Library and Information Science; historical, empirical and theoretical perspectives*. In: INTERNATIONAL CONFERENCE FOR THE CELEBRATION OF 20<sup>TH</sup> ANNIVERSARY OF THE DEPARTMENT OF INFORMATION STUDIES, UNIVERSITY OF TAMPERE, FINLAND. 1991. *Proceedings...* London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992.
- SCHWARTZ, Joan M. e COOK, Terry. Archives, records, and power: the making of modern memory. *Archival Science* Kluwer Academic Publishers. Printed in the Netherlands. 2:1-19, 2002.
- STEIN, Eric W. Organizational Memory: Review of Concepts and Recommendations for Management. *International Journal of Information Management*, v.15, n.1, p.17-32, 1995.
- WALSH James, UNGSON G. Rivera. Organizational Memory. In: *Knowledge in Organizations* (Resources for the Knowledge-Based Economy) Laurence Prusak (editor). USA: Butterworth-Heinemann, 1997.
- WERSIG, G., NEVELING, U. The phenomena of interest to information science. *The Information Scientist*. v.9, n.4, 1975 (versão traduzida por Tarcísio Zandonade).
- \_\_\_\_\_. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. *Information Processing & Management*, Oxford, v.29, n.2, 1993.
- YATES, Frances. The art of memory. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1966.